

## ATIVIDADES DE SEXUALIDADE NA ESCOLA PARA O APERFEIÇOAMENTO DA CIDADANIA DOS ALUNOS LIMITES E POSSIBILIDADES

Maria de Lourdes Marquini<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de avaliar os limites e possibilidades da aplicação de atividades e oficinas educativas sobre os temas da sexualidade de maneira significativa e contextualizada, oportunizando aos adolescentes a incorporar valores, refletir e construir significados sobre a sexualidade. Este processo oportuniza ao educando escolhas mais conscientes referentes a valorização e respeito ao próprio corpo e ao das outra pessoas, namoro e/ou ficar, atividade sexual, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. As atividades desenvolvidas no Colégio Estadual Souza Naves de Rolândia-Pr envolvem alunos de ambos os sexos da 7ª série do período vespertino, durante o ano letivo de 2008. Através dos resultados das atividades aplicadas, foi possível observar a evolução do relacionamento entre os participantes para a realização das atividades propostas, obtido por meio de questionamentos, negociações, reciprocidade, reflexão de valores e da sexualidade.

**Palavras-chave:** Adolescência. Sexualidade. Oficinas.

### ABSTRACT

This article has the objective of evaluating the limits and possibilities of the application of educational activities and workshops about the sexuality subjects in a contextualized and meaningful way, providing the adolescents the opportunity to incorporate valuables, reflect and build meanings about the sexuality. This process provides the learners more conscious choices referring to the valorization and respect to his or her own body and to the other people's body, dating or kissing, sexual activity, contraceptive methods, pregnancy in adolescence and to the prevention of sexually transmitted diseases. The activities developed in Souza Naves State High-School in Rolândia-Pr involve students of both genres in the 7<sup>th</sup> year of the afternoon period, during the current year of 2008. Through the results of the applied activities, it was possible to observe the evolution of the relationship among the participants to the realization of the proposed activities, got throughout questioning, negotiation, reciprocity, reflection of the valuables and the sexuality.

**Word-key:** Adolescence. Sexuality. Workshops.

---

<sup>1</sup> Discente do curso PDE 2007 pela UEL- Londrina Pr; ; bióloga; especialização em Metodologia da Ação Docente; professora da rede estadual de ensino - Rolândia-Pr. [maronezzi@onda.com.br](mailto:maronezzi@onda.com.br)  
Trabalho orientado por Álvaro Lorencini Júnior, doutor em Educação

## 1 INTRODUÇÃO

A todo o momento, pais e professores são afrontados por muitos desafios. Dentre todos estes desafios, as questões relacionadas à vivência da sexualidade na infância e na adolescência têm recebido destaque.

Na família, os diálogos relacionados à sexualidade ainda são pouco freqüente ou em muitos casos inexistente. Na escola, os debates na maioria das vezes, ocorrem de maneira tímida com enfoque nos aspectos biológicos e reprodutivos. Cria-se desta maneira, uma lacuna no desenvolvimento do adolescente como ser em construção.

A educação escolar deve ser concebida como uma prática que ofereça condições para os alunos desenvolverem as capacidades necessárias para compreender e participar da realidade que envolve diferentes tipos de relações sociais, políticas e culturais,

Ao propor um trabalho sobre sexualidade na adolescência é importante considerar as identificações que os alunos possuem com os grupos ou modelos já construídos.

Segundo Rossini (2005, p.17- 18):

Quando recebemos uma criança à porta de nossa sala de aula, além da mochila com o material, ela traz todas as impressões que vivenciaram assimilada ou não, bem elaborada ou não. Hoje com os meios e comunicação em massa, nem as crianças são poupadas dos problemas comuns de nosso tempo. Acompanham tudo e têm suas próprias impressões sobre o mundo de hoje. Ao ligar a televisão teremos dela um perfil em algumas rápidas notícias: a sexualidade que exclui a afetividade e provoca nas pessoas medo da relação afetiva - temos hoje pessoas superficiais em seus relacionamentos, com medo de perder e não saber lidar com a perda; e as pessoas deixaram de ser afetivas. Economiza carinho, atenção, amor.

Os seres humanos são historicamente construídos e influenciados por valores éticos, morais e culturais do meio social em que estão inseridos, onde a importância e o valor que o indivíduo tem em relação a ele mesmo, isto é, a auto-estima, é muitas vezes o fator determinante nos julgamentos de valores, no enfrentamento de situações pessoais e de relacionamento. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas no ambiente escolar, devem contemplar a auto-estima pessoal e das relações interpessoais, envolvendo as diferenças e escolhas sobre a

sexualidade, bem como a representação e a constituição da família como modelo social.

Neste enfoque, a sexualidade é vivenciada de diferentes maneiras por estes indivíduos. Através da socialização desta vivência, poderá ocorrer o esclarecimento de dúvidas, que promovam mudanças de opiniões e de atitudes comportamentais, onde a escola atuaria como parceira da família na construção de valores dentro de um contexto social, ético e cultural, no contato do dia-a-dia, e nas atitudes das pessoas que estão em contato direto com a criança e não como determinante de valores e regras morais.

Discutir sobre a sexualidade na escola, utilizar metodologias que busquem promover o diálogo, a reflexão sobre conceitos pré-estabelecidos, oportunizando a superação de dificuldades nos assuntos que fazem parte da vida do adolescente, possibilita desenvolver e rever atitudes, fazer juízo de valores e problematizar sobre os assuntos tais como conceito de beleza, a aceitação do próprio corpo, o namoro, o “ficar”, a gravidez na adolescência, as DSTs e AIDS, proporcionando assim, uma construção coletiva para os possíveis encaminhamentos e soluções.

Desse modo, as reflexões sobre esses temas contribuem para a valorização da vida e do autoconhecimento, estabelecendo relações através do respeito mútuo e posturas que possibilitem o exercício da cidadania. Assim, a sexualidade passa a ser um tema de reflexão sobre a cidadania e dos aspectos que envolvem a valorização da afetividade humana.

Então, este artigo tem por objetivo a utilização de uma metodologia participativa, promovendo a valorização da realidade e a vivência de cada adolescente.. Neste contexto, a dinâmica que atende aos objetivos deste trabalho é a oficina de grupo sobre sexualidade, por constituir-se em uma dinâmica onde a realidade, a vivência e a opinião de cada indivíduo são ouvidas, respeitada e utilizada na transformação, construção e/ou modificação de valores e atitudes individuais ou do grupo.

## **2 INFORMANDO E CONTEXTUALIZANDO**

Desde as primeiras civilizações as relações entre homens e mulheres passaram por várias transformações. Em grande parte do tempo, dentro

das civilizações (e algumas até hoje) o domínio do homem foi evidente. A mulher deixava de ser tutelada pelo pai, e passava para a tutela do marido, devendo ser fiel e submissa. Era considerada frágil incapaz de administrar seus bens a única função que lhe era atribuída era a da procriação e cuidado da prole.

Este pensamento refletia-se também em relação á sexualidade e ao comportamento sexual. A jovem era educada para tarefas domésticas, preparadas para casar, deviam manter-se virgens até o casamento e não podiam demonstrar realização ou satisfação sexual, O homem era considerado o senhor e dono da mulher e das filhas, administrador de todos os bens, podiam ter relações fora do casamento com outros tipos de mulheres que fugiam de todo estereótipo anteriormente descrito, cuja função era proporcionar prazer ao homem.

Segundo Carmo (2000, p. 21):

Havia uma nítida distinção de papéis entre homens e mulheres. O lar era considerado “destino natural” da mulher, o homem, exercia o papel de “chefe-da-casa”. Para as meninas recomendava-se a boneca como o brinquedo que melhor se adaptava ao perfil de uma futura mãe. As donas de casa, preparadas para a maternidade, davam ao marido as desculpas de que este precisava para encontrar, fora de casa, com prostitutas ou com amantes o livre exercício de sua fantasia sexual

Nos anos 60, o movimento hippie começa a discutir a liberação sexual da mulher, e a derrubar a suposta superioridade do homem.

Para Carmo (2000, p. 75):

Nos anos 60, os estudantes de vários países da Europa, América Latina, Estados Unidos e Japão, destacaram-se no cenário político contestando a sociedade, bem como seu sistema escolar e universitário. Pôs em questão a cultura em seus variados aspectos: costumes, sexualidade, moral e estética. Estava lançado o conflito nos jovens entre o direito de buscar o prazer sexual em sua plenitude, os ideais de liberdade e uma educação rígida que lhes havia sido dada até então. O sexo livre passou a ser usado como uma forma de protesto à moral, aos bons costumes e aos valores estabelecidos; tudo podia sexo, drogas etc. Muitos pais hoje eram os jovens desta época, onde os padrões de uma educação rígida que lhes foram transmitidos foram colocados em conflitos com as novas idéias liberais, com novos padrões éticos e morais.

Segundo Suplicy (1991), a família, hoje, encontra dificuldades na orientação em relação à sexualidade, quanto o certo ou o errado, pois, as mudanças ocorridas nos últimos tempos foram muito rápidas, deixando-os com relativa dificuldade. Mas, apesar destas mudanças, alguns valores como o respeito próprio e ao outro, ao acesso a informação que propicie o desenvolvimento do espírito crítico

e a oportunidade de escolhas, não devem ser deixados de ser transmitidos aos jovens.

Para Carmo (2000 p. 9-10):

“Não confie em ninguém com mais de 30 anos”. A frase pronunciada nas agitações estudantis, na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, em fins da década de 50, correu o mundo, virou música e chocou os mais velhos. Mesmo que fosse mera provocação, era um atrevimento. Mas para esses jovens, os que tinham mais de 30 anos, como seus pais e professores, era uma geração educada pela disciplina, baseada nos princípios de autoridade, hierarquia e ordem, que redundou, por exemplo, no nazismo. Estes jovens não se preocupavam com o dia em que teria também mais de 30 anos. Quando isso chegasse, eles estariam vivendo em outro mundo, já transformados pelos seus ideais. Estes fatos novos produziram adultos em conflitos constantes entre os velhos e os novos padrões, e estes conflitos continuavam a alternar-se na educação dos filhos...

A questão da sexualidade teve e está tendo mudanças muito rápidas e radicais; o certo, hoje, é a dúvida de amanhã; os valores sexuais e morais nem sempre são bem aceitos, pois, o proibido para uns, é o permitido para outros, e como os pais querem o melhor para os filhos, não sabem se estão agindo certo ou não, o qual muitas vezes, é colocado em um processo de confronto e enfrentamento dos próprios valores referentes à sexualidade, a ética e a moral.

Carmo (2000) afirma que o mundo realmente mudou durante e após os anos 60, mas as mudanças não ocorreram em todos os sentidos, principalmente no que se refere a alguns tipos valores, e que muitas vezes o jovem daquela época, hoje ainda vive como os próprios pais.

Não obstante, na presença de dificuldades, os pais devem procurar transmitir valores éticos e morais, respeito, e desenvolver papel de mediador no processo da construção da sexualidade do filho, buscando orientar e informá-los, para que por meio destes valores, ele possa escolher o melhor para sua vida.

Segundo Werebe (1988, p.148-149):

Os pais desempenham o papel de educadores, no domínio da sexualidade, muitas vezes de forma inconsciente, sem avaliar o alcance das medidas que tomam, dos discursos que desenvolvem, das atitudes que assumem [...] os pais educam mais pelo que fazem do que pelo que dizem. [...] Nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre sexualidade, seja porque não possuem conhecimento para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto.

Muitas vezes, os pais deixam de falar sobre a sexualidade, sexo e suas implicações, pois, alegam falta de tempo ou vergonha. A escola oportuniza por meio da valorização dos sentimentos, a ampliação dos referenciais do adolescente, colocando-os em contato com os referenciais de outros adolescentes, tais como: valores morais, culturais, éticos e sociais, propiciando o aumento das escolhas, a construção de juízo de valores, limites, afeto, solidariedade, responsabilidades sobre os atos e atitudes que venham a realizar e/ou “experimental” no exercício da sexualidade, buscando uma melhoria na qualidade de vida.

Segundo Del Prette e Del Prette (2004, p.53):

Muitos pais queixam-se de que, especialmente na adolescência, os filhos se tornam esquivos, buscando maior contato com os companheiros do que com eles. A adolescência é, sem dúvida um período de grandes conquistas e descobertas por parte dos jovens, podendo produzir a inquietação dos pais. É o momento de experimentar as novas possibilidades cognitivas e o despertar sexual, mas também um período de grande labilidade emocional, dadas suas alterações hormonais. Em qualquer outra etapa, mas particularmente nesta, são importantes várias outras ações educativas.

A respeito da motivação por abordar o tema sexualidade, questiona-se: por que esse assunto é abordado de uma maneira diferenciada, se ela é inerente ao ser humano? Por que os temas sobre sexo e sexualidade é envolvida por certa atmosfera de constrangimento, vergonha, e transmitidas de modo diferenciado dos demais temas abordados na família, escola e grupos sociais?

Figueiró (1999, p. 3-4) afirma que:

Na verdade, todos nós a tivemos, ao longo de nossas vidas, desde que nascemos. Mesmo aquela garotinha que, ao chegar aos onze anos, por exemplo, não sabe a respeito de menstruação, ou sobre como nascem os bebês... teve educação sexual. Sim, porque o simples fato de ninguém conversar com ela sobre estes assuntos faz com que entenda que os adultos têm vergonha de falar sobre isso. Que este é um assunto feio e do qual não se fala. Isto, na verdade, já é um aprendizado sobre. Na escola, quando o professor de Ciências ensina sobre o aparelho circulatório, o respiratório etc. e não fala sobre o aparelho reprodutor, ou fala muito por cima, o aluno percebe que "aí tem coisa!"

A grande disponibilidade de informações sobre sexualidade fornecidas através da internet, televisão, revistas e livros, muitas vezes, não é utilizada na prática. Os adolescentes não conseguem incorporar estes conceitos ou sentem-se invulneráveis perante as situações, gostam de correr riscos, desafiar a própria vida. Independente da(s) causa(s), antigos problemas continuam existindo, os quais se podem levantar: o aumento no índice de gravidez na adolescência e

baixa na idade das gestantes; e pouca utilização de camisinhas como método contraceptivo e barreira de DSTs/ AIDS.

Diante desta visão, percebe-se que apenas a informação dissociada de valores ético-sociais não é suficiente na construção de valores, oportunizado pela escolha, sobre a própria sexualidade, estimulando o adolescente precocemente e confundida com questões de desejo, vinculada apenas ao sexo a erotização.

Segundo Afonso (2002, p.117):

O debate que hoje se trava em torno da sexualidade dos adolescentes não deve ser visto, de uma maneira restrita, apenas como um desafio de como levar informações aos jovens e fazê-los compreender e usar esta informação. Este é, realmente, o palco de uma polêmica e uma negociação entre discursos sociais como devem ser organizadas as relações afetivo-sexuais e de gênero. Os jovens têm diante de si informações que são relativas ao seu processo de construção de identidade. Incidem ao mesmo tempo, sobre a formação de sua identidade psicossocial, enquanto indivíduos e a formação de sua identidade social, enquanto atores sociais. O desafio que encontram envolve a compreensão da informação, na dimensão cognitiva, o impacto que lhes causa em sua organização afetivo-sexual, e o engajamento diante das questões de sua sociedade e de seu tempo.

A sexualidade é um processo em constante construção, possibilita o respeito às diferenças, e as conseqüências das escolhas por eles realizadas. Este enfoque torna possível através do aperfeiçoamento da cidadania, o julgamento de valores e tomada de decisões com a realização de oficinas de sexualidade abordando as temáticas de prevenção de DSTs e AIDS, gravidez na adolescência, aceitação do próprio corpo, os tabus e preconceito.

Neste aspecto, o desenvolvimento da sexualidade do adolescente, será abordado dentro de um contexto social, através da reflexão, da valorização pessoal, da melhoria da auto-estima e das relações interpessoais. A auto-estima costuma ser definida como o sentimento de importância e valor que uma pessoa tem em relação a ela própria. Segundo

Para Del Prette e Del Prette (2004, p.35):

A auto-estima relaciona-se com os pensamentos e sentimentos elaborados pelo indivíduo a partir de seus comportamentos e das conseqüências deste no ambiente. Estes sentimentos serão tanto mais positivos quanto maior a segurança da pessoa de estar fazendo o que acredita estar mais correto, mais justo, mais adequado. [...]

Aprende-se sobre a sexualidade ao longo da vida; e para que ocorra este aprendizado e a construção de valores sociais, torna-se fundamental além da

família e da escola, a participação dos grupos sociais, o grupo de pessoas da convivência, pois, discutir sexualidade envolve a história de vida, os costumes, as relações culturais e afetivas de cada indivíduo, que tornam as pessoas únicas, com conceitos e valores e que influenciam a vida e o relacionamento com os demais.

Segundo Werebe (1988, p. 67-68):

Desde o nascimento, a criança recebe as influências afetivas do meio que a cerca e estas influências são decisivas sobre a evolução mental, emocional, afetiva e social. Progressivamente, os intercâmbios com os pares, vão se intensificando. Com a idade, os grupos vão se diferenciando e assumindo uma importância cada vez maior. Eles desempenham um papel significativo na adolescência, particularmente no que concerne a sexualidade. Muito frequentemente as crianças e jovens se sentem mais à vontade em conversar sobre sexo com seus pares, porque enfrentando os mesmos problemas, podem melhor compreendê-los.

Assim, o presente estudo pretende investigar as potencialidades pedagógicas das atividades sobre sexualidade, através da realização de oficinas de maneira participativa, onde os adolescentes respondem aos próprios desafios e se auxiliem mutuamente.

A oficina passa a ser um espaço de criação e compartilhamento de idéias, tendo a construção da sexualidade como um processo de aperfeiçoamento ético da cidadania.

### **3 OFICINAS**

A escola constitui-se em um ambiente especial para o desenvolvimento de ações, que possibilitem a melhoria da auto-estima e valorização pessoal entre os adolescentes. Dentro desta perspectiva, busca-se compartilhar com a família a responsabilidade de promover o respeito mútuo, preparando-os para uma vida em sociedade com maior tolerância às diversidades.

Segundo Del Prette e Del Prette (2004, p.54)

A educação é uma prática eminentemente social que amplia a inserção do indivíduo no mundo dos processos e dos produtos culturais da civilização. A escola é um espaço privilegiado, onde se dá um conjunto de interações sociais que se pretendem educativas. Logo a qualidade das interações sociais presentes na educação escolar constitui um componente importante na consecução de seus objetivos e no aperfeiçoamento do processo educacional.



A sexualidade com adolescentes não deve ser desenvolvida, simplesmente, como um repasse de conhecimentos biológicos a respeito do corpo, dos riscos da DSTs e AIDS, ou uma gravidez na adolescência. Esta abordagem não proporciona ao indivíduo, a compreensão dos diversos fatores relacionados com a sexualidade em um contexto social, tornando-o senhor de seus atos e responsável pela sua postura, diante da vivência de sua sexualidade.

Segundo Del Prette e Del Prette (2004, p.80):

Nos tempos atuais, com o avanço das doenças sexualmente transmissíveis e, em particular com o fantasma da AIDS rondando os relacionamentos, a assertividade é cada vez mais requerida como habilidade importante tanto para a consolidação de uma relação como para a garantia da saúde e de perspectivas futuras. Solicitar ou exigir o uso de preservativos e de exames médicos quando necessários, recusar sexo inseguro e falar abertamente sobre medos e as expectativas no campo da sexualidade constituem habilidades e enfrentamento que precisam ser desenvolvidas e exercitadas.

Dentro deste contexto a aplicação de atividades envolvendo o desenvolvimento de os seguintes temas pertinentes á sexualidade: (1) Sexualidade (2) Mitos, crendices e tabus sexuais; (3) Gravidez na adolescência; (4) Métodos contraceptivos; (5) Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e AIDS; (6) Valorização e aceitação do próprio corpo.

Na realização das oficinas, pretendeu-se oferecer um espaço onde os adolescentes discutissem sobre a vivência da própria sexualidade com suas percepções e angústias, através do compartilhamento e troca de idéias, tendo em vista que a sexualidade é um processo em constante construção embasada em valores como a ética, a auto-estima e a valorização pessoal.

Segundo Sacristan (2000, p. 96):

Se na vida cotidiana o homem aprende reinterpretando os significados da cultura, mediante contínuos e complexos processos de negociação, a partir da prática, também na vida acadêmica o aluno/a deveria aprender mediante processos de intercâmbio e negociação, reinterpretando e não apenas adquirindo a cultura elaborada nas disciplinas acadêmicas. A aula deve tornar-se um fórum aberto de debate e negociação de concepções e representações da realidade. Os conceitos são adquiridos ao serem utilizados na prática dentro de um contexto significativo, como ferramentas relevantes para a interpretação e intervenção em contextos complexos, carregados de possibilidades e incerteza, onde a busca, a proposta e o debate de alternativas, a experimentação.

Neste enfoque, a realização de trabalho pretendeu avaliar os limites e possibilidades das oficinas sobre sexualidade, indo além de uma atitude

puramente informativa. Buscaram-se a valorização, a reflexão, o compartilhamento de sentimentos, valores morais, étnicos e sociais.

Os conceitos adquiridos através da construção de um saber participativo, do diálogo e da negociação, possibilitam ao adolescente uma melhor reflexão, e oferecem maiores possibilidades de mudanças de postura sobre a própria sexualidade.

Segundo Afonso (2001, p. 24):

A cooperação pressupõe ajuda mútua e se dá através do desempenho de diferentes papéis e funções. Na tentativa de articular demandas do grupo. Co-operar não significa não discordar ou confrontar, mas sim atuar quando se é cúmplice ( ou não ser cúmplice daquilo que se discorda). Cooperação e comunicação interligam-se e favorecem a aprendizagem. A comunicação é um processo que leva em conta as redes do grupo, contendo possibilidades e entraves. Envolve também o conflito e a necessidade de se trabalhar sobre ele. A aprendizagem vai além da incorporação de informações e pressupõe o desenvolvimento da capacidade de criar alternativas.

Relata-se, na seqüência, as oficinas, o desenvolvimento e a avaliação sobre os limites e possibilidades da aplicação de oficinas sobre os temas da sexualidade, de maneira significativa e contextualizada, oportunizando aos adolescentes, incorporar valores, refletir e construir significados sobre a sexualidade, prevenção e contracepção

### **3.1 AS OFICINAS**

Durante o desenvolvimento deste artigo optou-se pela realização das oficinas, por se tratar de uma metodologia participativa, que envolve reflexões e emoções, buscando a incorporação de valores para uma melhor compreensão da realidade, oportunizando escolhas embasadas na melhoria da auto-estima dos adolescentes.

A oficina oferece uma característica própria, pois, pode ser modificada no transcorrer de sua realização, buscando uma nova abordagem, novos conceitos ou interesses evidenciados, resultante das interações com os demais adolescentes. Nesta metodologia, o adolescente participa da construção do conhecimento, elaboração e discussão de conceitos através das dinâmicas propostas.

Alguns pontos devem ser observados no desenvolvimento das oficinas:

- a) o professor é um coordenador, um mediador; deve procurar abster-se de comentários que possam influenciar na condução do processo e principalmente aprender a ouvir o adolescente. Os erros ou acertos são opiniões elaboradas a partir de experiências de vida, da realidade de cada indivíduo. Não existe uma verdade única e inflexível;
- b) o aluno deve ser respeitado na exposição das idéias, e é na participação individual que o trabalho em grupo se desenvolve. Ele deve ser estimulado a participar através de opiniões, reflexões, elaboração e reelaboração de conceitos sobre sua própria sexualidade que permitam fazer escolhas promover a melhoria da qualidade de vida e da auto-estima;
- c) Um ponto importante a ser salientado em relação à utilização das oficinas como recurso metodológico, é que: “elas oferecem uma característica própria: pode ser modificado no transcorrer de sua realização”, o que pode ser observado nesta modificação efetuada da primeira para as outras duas turmas.

Segundo Sacristan (2000, p. 377):

Os participantes se transformam ao desenvolver sua capacidade de distinguir e julgar em situações humanas complexas, conflitantes e singulares. Os participantes se transformam ao se verem induzidos a recompor seus esquemas padronizados do pensamento, pressionados pelas evidências constituídas pelo processo criativo de interações que são estimulados na aula e na escola. Como todo processo de mudança conduz inevitavelmente a confrontos polêmicos, dentro de uma realidade plural cujo desenlace, ainda que imprevisível, será obviamente uma modificação da realidade.

Na realização das oficinas, foram abordados os seguintes temas: (1) sexualidade; (2) mitos, crendices e tabus sexuais; (3) gravidez na adolescência; (4) métodos contraceptivos; (5) doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e AIDS; e (6) valorização e aceitação do próprio corpo.

Neste espaço, relata-se a experiência da aplicação das oficinas no grupo de adolescente envolvido neste trabalho, as expectativas iniciais, e a

avaliação sobre o desenvolvimento das oficinas sobre sexualidade com adolescentes, realizado com alunos de 7ª série do período vespertino em uma escola estadual, situada na região central da cidade de Rolândia-Pr.

No primeiro momento, foi conversado com os adolescentes sobre o trabalho a ser desenvolvido, o motivo de sua realização, a metodologia proposta e a importância da participação de todos.

Os temas a serem privilegiados pelas oficinas foram escolhidos pelos alunos, após a realização de uma coleta de temas sobre sexualidade (muitos não distinguem a sexualidade de sexo), pelos alunos, após a realização de uma coleta de temas sobre sexualidade (muitos não distinguem a sexualidade de sexo), escritos em um papel e depositados em uma caixa em uma caixa. Os mais “votados” foram apresentados aos alunos, que opinaram pela permanência ou retirada do assunto.

A análise efetuada sobre os temas desenvolvidos nas oficinas abordou alguns dados pontuais que procurassem identificar algumas posições durante a realização das atividades.

### **PRIMEIRA OFICINA: MITO OU REALIDADE (ADAPTADA)**

**Objetivo:** Refletir sobre os mitos relacionados à anatomia, fisiologia anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis (DST).

**Duração:** 30 a 45 minutos.

**Material:** Tiras de papel com frases escritas (ver as frases na Folha de Recurso)

**Observação:** Leve em conta a sensibilidade dos adolescentes. Se o grupo rir da resposta de algum deles, lembre que todo mundo acredita num mito.

#### **Desenvolvimento:**

1. Diga aos jovens que vão participar de um jogo que os ajudará, a saber, a verdade sobre os mitos relacionados com a sexualidade. Esclareça que, embora sexo e sexualidade estejam presentes em todas as áreas de nossa sociedade (televisão, livros, revistas e filmes), raramente a informação correta é fornecida. Explique que os mitos, boatos e superstições freqüentemente são aceitos como realidade;
2. Divida o grupo em duas equipes e peça que fiquem em lados opostos da sala. Cada subgrupo deverá escolher um nome para si;

3. Apresente as tiras com as frases viradas para baixo. Peça a um voluntário de uma das equipes que escolha um dos papéis e leia o que está escrito em voz alta. Os membros da equipe podem falar entre si durante algum tempo para determinar se a frase é um mito ou uma realidade. O voluntário que fez a leitura deve anunciar a decisão final do grupo;
4. Em seguida, diga se a resposta está correta e marque um ponto sob o nome da equipe num cartaz. Continue com os demais voluntários das equipes, até que todas as frases tenham sido discutidas;
5. Marque um tempo para a discussão de cada frase. Aproveite esse tempo para dar informações adicionais, caso necessário;
6. Comente os pontos de discussão.

**Sugestões para reflexão:**

- Pergunte ao grupo se tem perguntas sobre alguns dos mitos;
- Diga ao grupo que muitas pessoas acreditam em alguns mitos, e que estes variam de acordo com época e a cultura;
- De onde provêm? Onde adquirimos informações sobre a sexualidade? É correta a informação que adquirimos? Onde podemos obter informações corretas?

**Folha de Recurso do Coordenador:**

Mito ou realidade? (Adaptada)

A seguir, apresentamos algumas frases, com instruções para utilização no jogo de mitos e realidade. Leia cuidadosamente cada uma das frases para ver se são adequadas à sua comunidade e acrescente informações relevantes sobre as políticas e as leis que regulam a saúde reprodutiva dos jovens (quando escrever as frases, não escreva "Mito" ou "Realidade"):

- Realidade 1 - Uma vez que uma menina tenha tido sua primeira menstruação, poderá ficar grávida. Quando uma menina começa a ter os períodos menstruais, significa que seus órgãos reprodutores começaram a funcionar e que, por isso, pode ficar grávida. Entretanto, isso não quer dizer que esteja pronta para ter um filho, nem que seu corpo esteja maduro para tê-lo;

- Realidade 2 - Antes de ter sua primeira menstruação, a menina pode ficar grávida. Como os ovários podem liberar um óvulo antes de seu primeiro período menstrual, é possível, mas não freqüente, que fique grávida antes da primeira menstruação;
- Mito 3 - Não é saudável para a menina lavar a cabeça ou nadar durante o seu período menstrual. Não há razão nenhuma para que uma mulher restrinja suas atividades durante a menstruação. Atividade física diminui cólicas menstruais;
- Mito 4 - Sem penetração e ejaculação vaginal não há risco de gravidez. Pode ocorrer a gravidez sem penetração, caso o rapaz ejacule próximo a vagina (sexo nas coxas);
- Realidade 5 - Os jovens podem ter doenças sexualmente transmissíveis sem manifestar sintomas. Algumas doenças sexualmente transmissíveis manifestam sintomas facilmente reconhecíveis, outras não. A gonorréia, por exemplo, geralmente não apresenta sintomas na mulher. É importante consultar um médico se há suspeita de infecção, ou contato sexual com pessoa infectada;
- Mito 6 - Uma moça não pode engravidar se teve poucas relações sexuais. Uma mulher pode ficar grávida sempre que mantém relações sexuais, inclusive na primeira vez;
- Mito 7- As pílulas anticoncepcionais causam câncer. As pílulas, na realidade, protegem as mulheres contra dois tipos de câncer dos órgãos reprodutores (câncer endometrial e câncer dos ovários). Entretanto, a pílula é um dos métodos anticoncepcionais mais seguros e eficazes e quaisquer que sejam os efeitos colaterais e riscos, estes são menores que as conseqüências da gravidez e do parto;
- Mito 8- Uma vez que se tenha curado da gonorréia, não se volta a contraí-la. Uma pessoa pode adquirir gonorréia tantas vezes quanto tenha relações sexuais com um parceiro infectado. Por isso, é importante que qualquer pessoa que tenha sido tratada de gonorréia (ou de qualquer outra doença sexualmente

transmissível) certifique-se de que seu parceiro sexual também seja tratado;

- Realidade 9 - As camisinhas ou preservativos ajudam a prevenir a propagação das doenças sexualmente transmissíveis. As camisinhas são um método anticoncepcional efetivo, e também um modo eficaz de prevenir a propagação de muitas doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS;
- Mito 10-O álcool e a maconha são estimulantes sexuais. Têm exatamente o efeito contrário. O álcool e a maconha podem aumentar o desejo e reduzir as inibições, mas dificultam o ato sexual por reduzir o fluxo de sangue da área genital;
- Mito 11 - Uma moça pode saber sempre exatamente qual é o seu período fértil, a fim de evitar a gravidez. Ninguém pode estar absolutamente segura de quando ovula;
- Mito 12 - As meninas, em geral, são estupradas por estranhos. Uma grande porcentagem dos estupros registrados é realizada por homens conhecidos das mulheres (amigos ou parentes);
- Realidade 13 - Uma moça pode ficar grávida na primeira vez em que mantém relações sexuais. Uma moça pode ficar grávida na primeira vez ou em qualquer das vezes em que tenha relações sexuais, a menos que utilize um método anticonceptivo eficaz;
- Mito 14- Se um jovem ou uma jovem mantém qualquer tipo de relação sexual com uma pessoa do mesmo sexo, significa que é e sempre será homossexual. Muitos adolescentes têm experiências homossexuais durante seu desenvolvimento, mas isso não quer dizer que são homossexuais.

**AValiação:** O tempo inicial estipulado foi suficiente para a realização desta oficina.

A cada questionamento (relatado na dinâmica) propiciou-se um tempo para que os alunos opinassem sobre o assunto. Os questionamentos utilizados foram selecionados dentre os propostos pelo manual, uma vez que os mesmos apresentavam relação com os temas de sexualidade a serem desenvolvidos.

A exposição das opiniões dos alunos apresentava divergências sobre um mesmo fato como, por exemplo:

Só quando a pessoa “ta” doente é que ela passa a doença, é igual gripe quando “ta” doente é bom não ficar perto... (risos e muita conversa) em meio as conversas um aluno, faz o seguinte comentário:

“ meu pai disse que quase todo homem tem essas doenças..... que vem junto quando vai transar.....mas depois de um tempo ela some.....a resposta foi quase que imediata: meu pai é homem e nunca teve nada disso, e ele sempre fala que se quiser transar e não pegar doença ou filho tem que “encapar” ou seja: usar camisinha, (muitos risos) .Ao final da conversa, houve um acordo geral da importância do uso de preservativo.

....minha mãe sempre fala que pílula não é muito boa, não protege de doenças o negócio é usar camisinha..ninguém tem marca que está com AIDS..... (mais conversa) outros comentários foram acontecendo sempre reforçando para a importância do uso do preservativo como proteção para ele mesmo.

.....” escutou “fulano’ ninguém ta marcado se ‘ta’ doente..., mesmo não tendo o nariz escorrendo, as vezes a gente fica com o corpo ruim de gripe, mas só a gente sente e não dá nem um espirro....

Através desta amostragem de comentários que ocorreram durante seu desenrolar e de outras atividades desenvolvidas neste trabalho, considera-se que a sexualidade envolve a história de vida, os costumes, as relações culturais e afetivas de cada um, tornando-os pessoas únicas, com conceitos e valores, que influenciam a vida e o relacionamento com os demais.

Inicialmente, alguns participantes apresentaram dificuldade em aceitar as demais opiniões. Por serem mais desinibidos, falavam muito, oferecendo pouco espaço para as outras opiniões. Após um tempo, os demais participantes foram observando que não existia um fechamento da questão pela mediadora (professora), legitimando uma ou outra opinião; eles teriam de negociar e avaliar todas as opiniões, através de conversas e discussões com os demais participantes do grupo.

À medida que as respostas iam se aproximando de uma resposta de consenso, as discussões e conversas diminuía, para só então, ser proferida a resposta do grupo que era exposta por um membro eleito entre eles para ser o orador. Mesmo sendo o representante do grupo, algumas vezes era corrigido (interrompido pelos próprios participantes do grupo), caso ele por algum motivo durante a fala, procurasse direcionar a resposta sua própria opinião.

A discussão e envolvimento do grupo para realização desta oficina foi grande. Os adolescentes passaram a expor mais espontaneamente suas opiniões, uma vez que não havia legitimação de uma ou outra resposta por parte da



mediadora, promovendo inferências na opinião dos demais participantes, “sem medo de errar”.

A utilização desta oficina oportuniza o desenvolvimento de outros temas de interesse dos alunos, pois, permite a substituição e/ou acréscimo de outros "mitos ou realidades", visando atender as necessidades do grupo. Esta necessidade pode ser diagnosticada através de uma “caixa de interesses”, “caixa de perguntas”, uma conversa com o grupo sobre quais temas seriam de maior interesse, ou visando atender alguns problemas específicos naquele momento na comunidade escolar.

## **SEGUNDA OFICINA: PATERNIDADE/MATERNIDADE: AGORA OU DEPOIS? (Adaptada)**

**Objetivo:** Ajudar os adolescentes a refletirem, sobre o impacto que um bebê teria em suas vidas agora e no futuro. Refletir sobre os vários contextos sócio-culturais e características individuais, que podem ocorrer decorrente da gravidez na adolescência.

**Duração:** 30 a 40 minutos.

### **Desenvolvimento:**

1. Divida os jovens em grupos e dê a cada um, uma folha de papel com as informações, pedindo que pensem na forma como um filho afetaria suas vidas.
2. Faça com que as moças compartilhem suas idéias com os rapazes.
3. Comente os pontos de discussão.

### **Sugestões para reflexão:**

Refletir as mudanças positivas e as negativas sobre os vários contextos sócio-culturais que podem ocorrer na gravidez na adolescência:

1. Educação/Carreira	2. Amigos/Vida social
3. Finanças/Dinheiro	4. Rotina Diária

Haveria diferenças no efeito que um filho pode ter na vida de uma moça e na de um rapaz?

**Avaliação:** Para a realização desta oficina, a divisão dos alunos foi por grupos mistos nas três turmas. No decorrer da realização da oficina, os adolescentes

mostraram-se muito empenhados em discutir o tema proposto. Foram discutidos temas relativos às mudanças que um filho traria em relação aos estudos, amigos, passeios, dinheiro e na rotina da vida deles. Outro ponto ponderado na discussão, foi se haveriam diferenças no efeito que um filho pode ter na vida de uma moça, e na de um rapaz.

As respostas foram anotadas e depois compartilhadas, através da leitura efetuada por um relator indicado por cada grupo. Após esta leitura era oportunizado um espaço de tempo para ser efetuado algum comentário sobre a discussão efetuada pelo grupo. Neste espaço os comentários foram utilizados para concordância dos relatos ou para o reforço da resposta com a exposição de alguns “casos verídicos” sobre o assunto. A seguir alguns relatos de “depoimentos”.

“...não vão poder sair... vão ter que tomar conta do filho o dia todo.....vão ter que acordar a noite....não vão poder dormir ate tarde.....terão de parar de estudar (principalmente as meninas) , procurar qualquer serviço e estudar a noite (principalmente os meninos), mas que existe um outro agravante “nem idade para estudar a noite eles têm , quanto mais para arrumar serviço .....”

.... um filho agora ou até não ter como se sustentar é para quem não pensa em si mesmo, vai acabar com a própria vida.....conheço uma menina que tem uma filha de 2 anos,é a coisa mais linda,agora ela tem 18 anos, trabalha em uma firma para ganhar dinheiro, mas não pode nem sair nem gastar o dinheiro porque vai fazer falta, ela é muito triste, o pai da criança nem dá as caras por lá. Ela diz que se ela pudesse voltar o tempo ela faria tudo diferente... ela queria ser psicóloga.....ela engravidou porque achava bonito criança, eu também acho, mas no colo dos outros, quero ser veterinária , filho tem tempo.....minha carreira não...quero ter dinheiro para passear e comprar muitas coisas,, ( risos....) muitas mesmo e não mamadeira, fralda.....

A realização desta oficina possibilitou a reflexão sobre a vivência das pessoas no cotidiano, e colocou em evidência, que um filho na adolescência causa transtornos e mudanças nos hábitos de vida, como pode ser verificado nos depoimentos, o que tornou a aplicação desta oficina o tempo previsto de 30 a 40 minutos insuficiente, sendo necessária a utilização de mais uma aula.

Através da fala dos alunos, foi possível observar que o trabalho com oficinas contribui para o desenvolvimento e aprimoramento da sexualidade, pois, através de questionamentos, comparações de opiniões e conceitos, estabelecem uma relação direta entre as pessoas e a vivência da própria sexualidade, que é historicamente construída e influenciada por valores éticos, morais e sociais.

**TERCEIRA OFICINA: CONTATOS PESSOAIS (Adaptada)**

**Objetivo:** Facilitar a compreensão da transmissão sexual do HIV e das DST.

**Duração:** 50 minutos.

**Material:** Sala ampla, folha de papel, caneta e música alegre e movimentada.

**Resultado Esperado:** Reconhecer as possibilidades de contaminação sexual de DSTs e AIDS, a cadeia de transmissão e o sexo seguro.

**Desenvolvimento:**

1. O facilitador entrega a cada participante uma folha de papel (conforme modelo), com apenas uma figura já desenhada. Para cada grupo de 10 participantes, desenhar em cada folha apenas uma figura geométrica, sendo:

1 triângulo; 2 quadrados (um por folha); e 7 círculos (um por folha)

2. Os participantes devem dançar pela sala e conversar com os colegas, com a finalidade de integração;
3. Em determinado momento, o facilitador solicita aos participantes que parem e copiem o desenho do colega que estiver mais próximo;
4. Repete esse processo por 4 (quatro) vezes;
5. Após o término da atividade, o facilitador pergunta se os participantes têm idéia do quê significam as figuras;
6. Discute com o grupo o significado das figuras e o que aconteceu com cada participante:
  - Círculo = pessoa sadia;
  - Quadrados = portador de DST;
  - Triângulo = portador de HIV.

**Sugestões para reflexão:**

- Quantos participantes começaram o jogo com círculos? Com quadrados? E com triângulos?
- Quantos participantes chegaram ao final do jogo sem triângulo na folha?
- O quê significa mais de um triângulo na folha? E mais de um quadrado na folha?

- É possível prever quem é portador de DST/AIDS, levando em conta apenas a aparência física? Você se preocupa com a idéia de contrair DST/AIDS?

**Resultado Esperado:** Reconhecer as possibilidades de contaminação sexual de DSTs e AIDS, a cadeia de transmissão e sexo seguro.

**Avaliação:** A temática foi apresentada por meio de uma atividade buscando tornar o desenvolvimento deste tema agradável, trabalhando a afetividade, o amor-próprio envolvido no processo de prevenção.

Esta atividade propiciou uma reflexão sobre os sentimentos provocados pela mesma, e a necessidade de se atentar às atitudes tomadas relativos à sexualidade, corpo e a ele mesmo como ser humano, pois, algumas vezes não se tem uma segunda chance. Nesta atividade, os alunos já demonstraram uma maior cooperação, tolerância e respeito para com a opinião dos outros participantes: procuravam escutar quando o outro estava falando, proporcionando uma maior abertura ao diálogo e a opinião dos demais participantes; questionavam-se, abrindo um espaço rico na elaboração um saber compartilhado.

Apesar de ter sido colocado aos alunos quais seriam os passos para a realização da atividade, devido ao grande número de alunos em cada turma, houve dificuldade de organizarem-se em grupos de 10 alunos. Superado esse primeiro momento de expectativa e ansiedade, os passos seguintes desenvolveram-se de maneira tranqüila.

Após a explicação do que cada desenho correspondia, foi realizada a análise dos desenhos contidos nas folhas pelos próprios alunos. Após muitos olhares de espantos e comentários, os alunos foram convidados a manifestarem seus sentimentos, conforme o resultado apresentado em suas folhas.

Os principais comentários evidenciavam o perigo que eles poderiam estar expostos durante uma relação sexual:

....não tem como saber se alguém tem doença ou não ...quem poderia imaginar que eu seria contaminado já pensou.....eu com Aids ou DST?  
 ...tem que se cuidar, se a gente não se cuida ninguém faz isto pela gente...a gente tem que gostar primeiro da gente, ter auto-estima não é mesmo professora???( risos e aplausos pela turma )  
 .....transar sem camisinha é se arriscar muito de uma só vez.....  
 .....usar camisinha dá menos trabalho do que pegar doença...  
 .... sem camisinha não dá .... e tem gente que acha que só acontece com os outros...olha só eu ganhei dois triângulos..já pensou se fosse de verdade??? ...

O tempo de 40 minutos úteis na primeira turma foi insuficiente, e a aplicação da temática ficou comprometida. Nas duas outras turmas, a temática foi desenvolvida em duas aulas. Com relação à primeira turma, na aula seguinte, foram retomados alguns questionamentos que ficaram comprometidos, propiciando um melhor aproveitamento do tema desenvolvido.

Através destes comentários e as reações de espanto causadas pela “suposta contaminação”, os adolescentes procuraram avaliar a importância da utilização da camisinha, independentemente de estar iniciando uma relação ou já estar nela há algum tempo, como sendo uma maneira segura para evitar uma contaminação. Foi sugerido também que associar os métodos contraceptivos ao uso de preservativos, é a melhor maneira de se prevenir DSTs, AIDS e uma gravidez na adolescência.

#### **QUARTA OFICINA: DINÂMICA - BELEZA E IDEALIZAÇÃO (Adaptada)**

**Objetivo:** Encorajar o adolescente a aceitar do seu próprio corpo e a entender que os ideais de beleza também são estabelecidos pela cultura

**Tempo:** 40 minutos.

**O que você deverá fazer:**

- 1 - Formar grupos pequenos só com meninos e outros grupos só com meninas;
- 2 - Solicitar os grupos de meninos a conversarem entre si sobre o tipo de mulher que consideram ideais;
- 3- Cada grupo deverá fazer uma listagem com as características que considera importante. Utilizando-se de revistas, lápis, cola e tesoura, deverá fazer uma colagem, identificando os critérios que utilizou para o homem ideal e para a mulher ideal. Cada grupo apresentará sua colagem, referindo-se aos critérios evidenciados.

**Pontos para discussão:**

- a) Aceitação da aparência física por homens e mulheres;
- b) Como é a idéia de beleza do grupo?
- c) As mudanças que eu sinto, em mim mesmo, sobre minha aparência e meu jeito de ser, por influência da opinião de outras pessoas;
- d) Como são criados os critérios de beleza?

**Resultado esperado:** Ter promovido uma discussão sobre ideais de beleza e aceitação do seu próprio corpo.

**Pontos para discussão:** Aceitação da aparência física por homens e mulheres. Como é a ideia de beleza do grupo? (As mudanças que eu sinto, em mim mesmo, sobre minha aparência e meu jeito de ser, por influência da opinião de outras pessoas.) Como são criados os critérios de beleza?

**Resultado esperado:** Ter promovido uma discussão sobre ideais de beleza e aceitação do próprio corpo.

**Avaliação:** Esta atividade foi proposta para que o grupo refletisse sobre as características que gostariam de encontrar na pessoa ideal.

O grupo demonstrou um maior entrosamento, melhor coordenação e colaboração. Estavam mais falantes no sentido de exposição das ideias, procuravam negociar as características que seriam evidenciadas na elaboração do homem ou mulher ideal. Riam muito e demonstravam estar bem à vontade na realização desta oficina. Em um primeiro momento, cada grupo foi fazendo uma lista com todas as possíveis qualidades e características do homem/mulher ideal.

Nas respostas apresentadas do homem ideal, as que tiveram maior incidência foram .....forte, sarado, descolado, cheiroso, romântico bondoso, olhos azuis ou verdes, nariz pequeno, fiel, sincero, honesto, inteligente, dentes bonitos, orelhas pequenas, que nos ame, esportivo, alto, carinhoso, cabelos bonitos, magro, barriga tanquinho, amigo

Na mulher ideal.....um bom corpo físico ( 1,87m), lábios carnudos, cabelo claro, olhos grandes, pele lisa, vaidosa, carinhosa, gostar de futebol, sarada, muito fiel, não implicar que o homem saia com seus amigos, ser um pouco ciumenta sem ser barbaqueira, busto de tamanho médio coxas roliças e bunda bonita.....

Entre todos os relatos, apenas um em todas as turmas apresentou os seguintes dizeres sobre a mulher ideal....” Uma mulher para ser ideal não tem que ser bonita só por fora, mas também por dentro, tem que ser fiel, esperta, sincera, legal e nos compreender.....por fora, não tem que ser perfeita, mas também não feia. A mulher tem que ser limpa, cheirosa, educada e não ciumenta.”

Após algum tempo, os grupos foram convidados a expor seus parceiros ideais. Observando os depoimentos, alguns pontos chamaram a atenção na apresentação dos grupos: no grupo de meninos, as características predominantes foram às físicas (tipo de corpo, rosto, cabelo), e alguns grupos forneceram medidas e peso das mulheres ideais. No grupo das meninas, foram colocadas além das características físicas, outras características como: carinho, fiel, companheiro, respeito, amigo.

Após esta exposição pelos grupos, foi pedido aos participantes que relacionassem a expectativa dos meninos e das meninas, quanto ao tipo ideal de beleza. Após algum tempo de conversa participativa, o grupo chegou a algumas conclusões: os homens, geralmente, estão, primeiramente, interessados na beleza física e em várias conquistas, podendo ser várias ao mesmo tempo. As meninas não estão interessadas apenas na beleza física, querem um companheiro, e “namoram” apenas um de cada vez.

No desenvolvimento desta atividade, poderá ser utilizadas imagens de padrões de beleza existentes em outras culturas e confrontadas com modelos por eles criados e os criados pela mídia.

Por meio dessa atividade, fica evidenciado que a sexualidade é historicamente construída e influenciada por fatores sócio-culturais, e valores que são transmitidos e incorporados no contato com a família e amigos. A mulher e o homem apresentam diferentes condutas e papéis dentro da sociedade em que estão inseridos, mesmo no século XXI.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um olhar sobre a história da humanidade mostra que a sexualidade, sempre esteve ligada ao profano, a tabus, ao imoral, sendo silenciada ou ignorada.

Mesmo, hoje, no século XXI, falar sobre sexualidade causa vergonha e/ou constrangimento. Os pais não comentam ou procuram maneiras de esquivarem-se quando são questionados sobre sexualidade. Na escola muitas vezes o enfoque é simplesmente biológico, onde o adolescente não se vê como um sujeito pertencente àquela realidade.

A televisão explora o sexo e o erotismo envolvidos nos relacionamentos. Corpos perfeitos e esculturais compõe revistas e *outdoors*, namoros que sempre dão certos, adolescente grávidas que se tornam sempre princesas em pleno século XXI, e são felizes para sempre em seus castelos com seus príncipes. Quem não se enquadra a estes estereótipos, como reage? Aceita ser o patinho feio? Perde a auto-estima e passa a fazer da vida uma brincadeira sem conseqüências? Onde ficam os valores afetivos, morais e sócio-culturais?

A simples transmissão de informação não consegue oferecer ao jovem mudança de atitudes, é preciso oferece espaços onde o adolescente possa interagir com outras emoções e construir valores.

As oficinas não oferecem “receitas prontas” ou “roteiros para solucionar problemas” sobre melhoria de comportamentos e sexualidade; elas proporcionam um espaço que possibilitam ao adolescente, discutir idéias e vivenciar sentimentos, que promovam a valorização, o respeito a ele mesmo e ao outro, a melhoria da auto-estima, oferecendo opções que os produzam melhorias e/ou mudanças em relação à sexualidade.

A análise efetuada sobre o desenvolvimento das oficinas, não consegue relatar e/ou descrever todos os fatos acontecidos no decorrer das mesmas; limitou-se a descrever alguns fatos, que proporcionassem identificar algumas atitudes dentro do grupo. Portanto, as oficinas são apresentadas como um espaço de troca de experiências proporcionando escolhas, elaboração de conceitos, valorização de sentimentos individuais e coletivos, através dos quais, os participantes, conseguem avaliar seus limites e possibilidades de escolhas relacionadas à construção de valores e da própria sexualidade.

Neste sentido, por considerar a sexualidade como um processo em constante evolução e transformação, conclui-se que, as mudanças ocorridas com os adolescentes após a realização das oficinas não podem ser quantificadas, mas sim, avaliadas através de mudança de atitudes frente à sexualidade tais como: respeito, envolvimento, amadurecimento e participação nas atividades desenvolvidas.

Proporcionar um espaço de construção coletiva para os possíveis encaminhamentos e soluções, possibilita ao adolescente discutir a própria sexualidade, oferece a oportunidade de desenvolver e rever atitudes, fazer juízo de valores e problematizar sobre assuntos, tais como: conceito de beleza, a aceitação ao próprio corpo, a gravidez na adolescência, as DSTs e AIDS, conduzindo-o a mudanças em relação à sexualidade.



## REFERÊNCIAS

AFONSO, Lúcia. **A polêmica sobre adolescência e sexualidade**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2001.

\_\_\_\_\_. (Coordenação). **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

BRASIL. **Manual do multiplicador: adolescente/ coordenação nacional de doenças sexualmente transmissíveis e Aids**. Brasília: Ministério da Saúde, 1997.

CARMO, Paulo Sergio do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: SENAC, 2000.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. **Psicologia das relações interpessoais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia-a-dia: primeira coletânea**. Londrina: [s.n.], 1999.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. Tradução: Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. São Paulo: Autores Associados, 1988.

## AGRADECIMENTOS

Em nossa caminhada pela vida, encontramos pessoas que de uma maneira ou outra acabam influenciando a nossa existência.

Neste momento quero agradecer a todos que ajudaram para que a realização deste trabalho fosse possível e dirigir-me de maneira especial a alguns deles:

A Deus pelo dom da vida, saúde e a força para lutar.

Aos meus filhos Anderson e Aline, pela compreensão, carinho e apoio durante o tempo dedicado aos estudos

Ao meu orientador, Dr. Álvaro Lorencini Júnior, que tornou possível a realização deste trabalho através de seus direcionamentos, atenção, compreensão e paciência,

Aos alunos, participantes das oficinas, pelos ensinamentos compartilhados e construídos.